

A trama negra
na moda brasileira

A trama negra
na moda brasileira



A trama negra
na moda brasileira

O Centro Cultural Câmara dos Deputados apresenta

TECENDO HISTÓRIAS

Brasília, novembro de 2024



5

O Centro Cultural Câmara dos Deputados é responsável pela preservação do acervo museológico da Câmara dos Deputados e pela realização das ações culturais que ocorrem na instituição, como exposições artísticas e históricas e eventos literários.

Além de promover as culturas regionais e a produção artística contemporânea nacional, o Centro Cultural atua na preservação da memória da instituição e na história do Poder Legislativo. Ide-alizado pelo arquiteto Oscar Niemeyer, o Palácio do Congresso Nacional abriga obras de artistas brasileiros renomados da segunda metade do século XX, como Di Cavalcanti, Athos Bulcão e Marianne Peretti.

Com o intuito de viabilizar a diversidade e a qualidade das exposições realizadas pelo Centro Cultural, todos os anos promovemos um edital público para a seleção das mostras artísticas e históricas que ocuparão, no ano subsequente, os espaços destinados aos eventos culturais. As propostas apresentadas são avaliadas por uma Comissão Curadora e, desta forma, o Centro Cultural proporciona a artistas e curadores de todo o Brasil a oportunidade de apresentar seus trabalhos em áreas da Câmara dos Deputados onde há grande circulação de visitantes de diversas partes do país, propiciando o exercício e a promoção da cultura e da cidadania.



A TRAMA INVISÍVEL DA MODA

Tecendo Histórias

A trama negra

na moda brasileira

88

99



A cadeia produtiva da moda sempre esteve em nossas mãos. Mão negras que plantaram o algodão, teceram, costuraram, lavaram, quararam, passaram, engomaram, pentearam e cuidaram do vestuário de gerações — desde o período colonial até hoje.

Há pouco tempo que essas mãos passaram a desenhar e ter suas criações nas passarelas. Foi preciso ainda conquistarmos as passarelas com nossos corpos — sempre eles, primeiro, em uso — para então atuarmos (ainda minimamente) como estilistas, fotógrafos, donos de marcas. E vejam só. Costumamos ser lembrados, buscados e reconhecidos por uma moda étnica. Ou seja, ainda assim, somos enquadrados.

Esta exposição visa resgatar essas narrativas, apresentando um diálogo entre o passado e o presente, questionando estereótipos e descolonizando o vestir. O corredor Tereza de Benguela se veste com objetos convertidos em peças artísticas, imagens históricas — como das negras com suas “joias de escrava”, que na verdade eram tesouros, que seriam divididos para comprar alforrias de outros — ao lado de imagens que retratam o povo negro nesse fazer produtivo, político e artístico que é a moda.

Queremos que cada pessoa que passe por aqui reflita sobre estes três aspectos — produ-

10

11

ção, política, arte — para que possam admirar as criações negras de um outro lugar, desde o vinco da saia até o arremate do bolso da calça, a explosão de cores das estampas e a riqueza dos adereços. Boa viagem por esse universo de resistência e criatividade, convertidas em autoafirmação e transformação social.

Geane Nascimento e Maíra Brito
Curadoras da exposição

A MODA COMEÇA NO ALGODÃO

12



Tecendo Histórias

A trama negra

na moda brasileira

13



A história da moda brasileira está profundamente enraizada no trabalho de mulheres e homens negros que, desde o período colonial, desempenharam papéis fundamentais em cada etapa dessa cadeia produtiva, formando a base da produção têxtil que vestiu o Brasil por séculos.

Eles atuaram no plantio do algodão nas grandes fazendas, onde a mão de obra escravizada cuidava do cultivo, da tecelagem e do beneficiamento do algodão. No século XVIII, o Nordeste brasileiro — especialmente regiões como Pernambuco e Maranhão — destacaram-se como centro produtor de algodão. O algodão colhido pelos escravizados era processado e transformado em tecidos que vestiam as elites coloniais. Mesmo assim, a contribuição dessas pessoas permaneceu invisível, limitada às margens das narrativas históricas.

AS GUARDIÃS DO CUIDADO

Lavadeiras
e engomadeiras
na base
da elegância



O trabalho das lavadeiras e engomadeiras negras sempre foi parte crucial da moda — mesmo que não receba os devidos créditos. Essas trabalhadoras eram responsáveis por manter impecáveis as roupas das elites.

O cuidado, a limpeza e o acabamento das peças — vistos como simples tarefas domésticas — na verdade sempre exigiram conhecimento sobre tecidos, entendimento das técnicas de lavagem, cuidados específicos e bastante esforço físico.

As lavadeiras cuidavam das roupas em rios, fontes e tanques, num trabalho manual que se vale de técnicas repassadas de geração em geração. Lavar, esfregar, pôr para embranquecer. Enxagar, torcer, pendurar para secar as peças ao sol.

As engomadeiras, por sua vez, eram as responsáveis pelo acabamento, com técnicas específicas para garantir que as peças ficassem bem estruturadas, especialmente as roupas masculinas e de festa, que exigiam um cuidado extra com os detalhes. O uso de goma feita de amido de milho ou arroz era fundamental para dar firmeza e brilho às peças, conferindo-lhes um aspecto sofisticado.

Sem o árduo trabalho delas, a moda como conhecemos, tanto no Brasil colonial quanto na sociedade urbana dos séculos XIX e XX, não teria a mesma sofisticação nem o mesmo impacto visual.

16





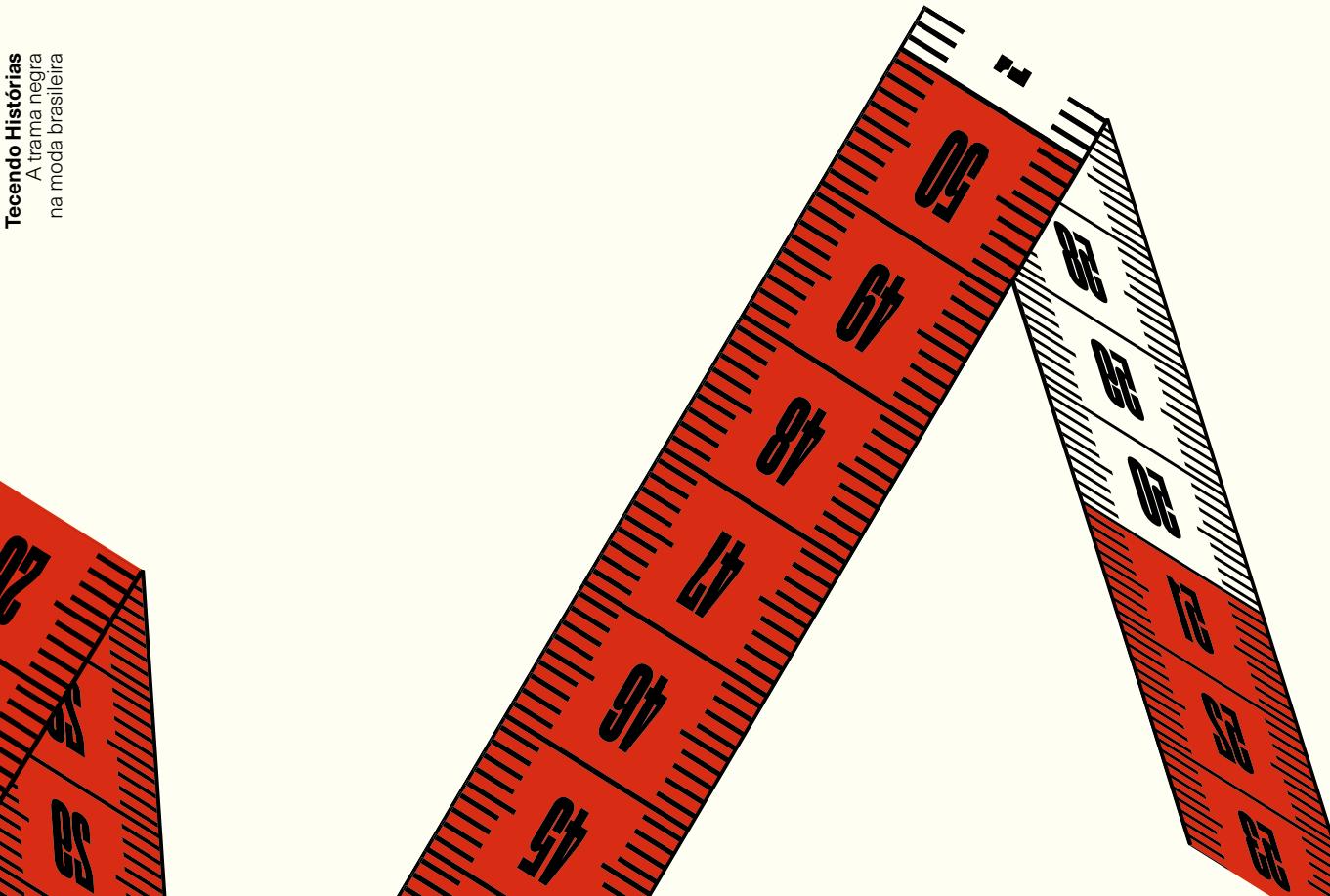
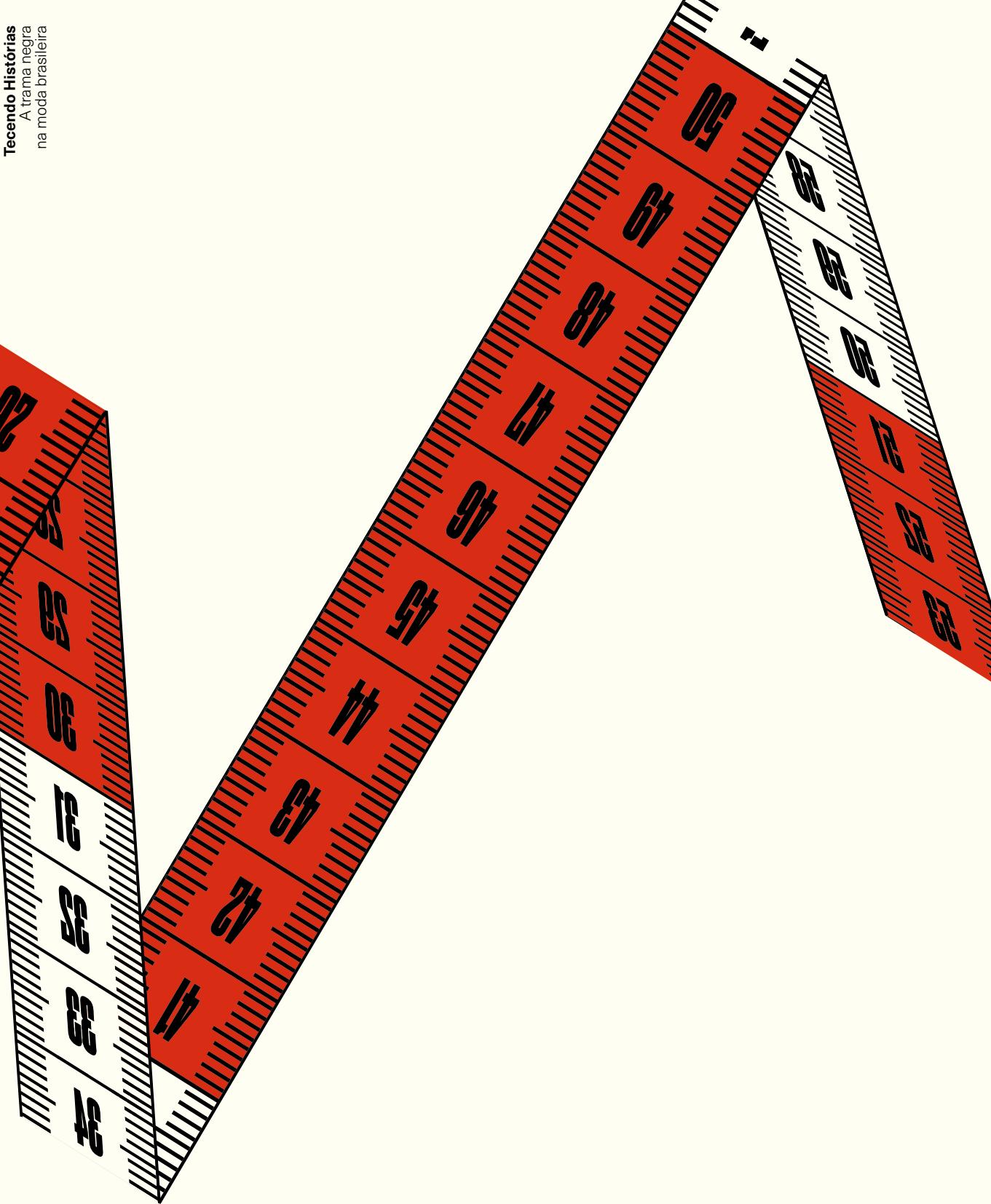
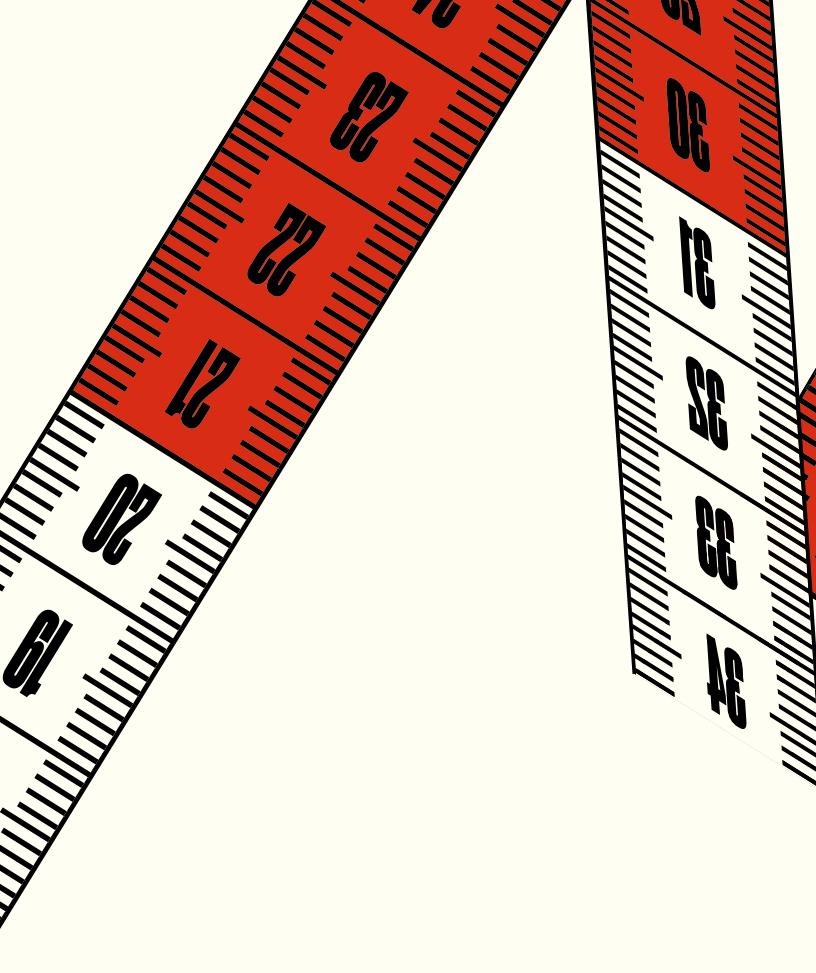


Tecendo Histórias
A trama negra
na moda brasileira

ARTE d'OFÍCIO

Quem cuida
e molda
a elegância
da moda

Tecendo Histórias
A trama negra
na moda brasileira





Tecendo Histórias

A trama negra

na moda brasileira

25

Alfaiates, costureiras, sapateiros e engraxates sempre estiveram na linha de frente, moldando e preservando a elegância de roupas e calçados.

Com habilidade e engenhosidade, esses profissionais criavam peças originais e também eram mestres na adaptação e reinvenção de modelos que seguiam as tendências estrangeiras mas que também precisavam se ajustar ao padrão físico brasileiro e ao gosto local.

Seus consertos e ajustes, tantas vezes subestimados, mantinham as peças em circulação, preservando seu valor e prolongando sua vida útil.

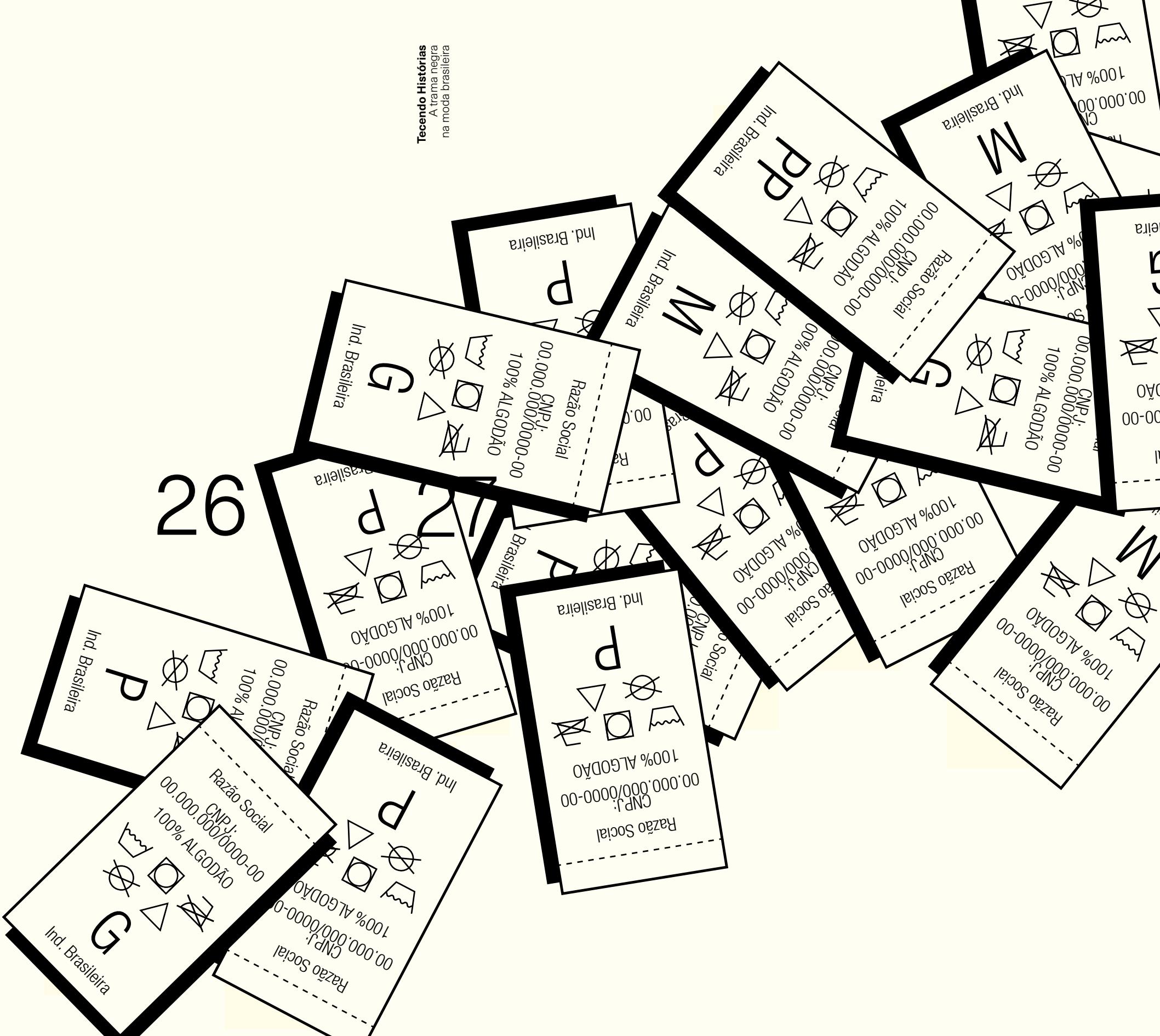
Engraxates, por sua vez, completavam o ciclo da moda ao garantir que os sapatos — um símbolo de status e elegância — estivessem sempre bem cuidados. Com seu trabalho meticoloso, eles poliam e preservavam os calçados, assegurando que fossem uma extensão harmoniosa da aparência de seus donos.

Embora sejam parte fundamental da cadeia produtiva, alfaiates, costureiras e sapateiros não gozam do mesmo prestígio que estilistas e designers de moda, certamente por terem profissões que remetem ao aspecto serviçal de outrora.

SASINHAS DE REFERÊNCIA

A presença negra
na indústria têxtil

Tecendo Histórias
A trama negra
na moda brasileira



Em 2019, o Brasil ocupava a quarta posição entre os maiores produtores de vestuário do mundo. De acordo com o relatório *Fios da Moda* (2021), a indústria da moda brasileira é a segunda maior geradora de empregos no país, num total de 8 milhões de empregos diretos e 1,7 milhão indiretos. A maioria dos profissionais do segmento é formada por mulheres, que representam 75% da mão de obra. Estima-se ainda que 1% dos trabalhadores atua em condições análogas à escravidão.

Sendo operários em grandes fábricas ou subcontratados de forma precarizada por pequenos ateliês que produzem as peças em larga escala para marcas maiores, negras e negros brasileiros são forte presença na indústria têxtil e de confecção de roupas, ocupando predominantemente posições de base e informais no setor. São os mais atingidos por condições de trabalho precárias, devido a uma combinação de fatores históricos, econômicos e estruturais.

28



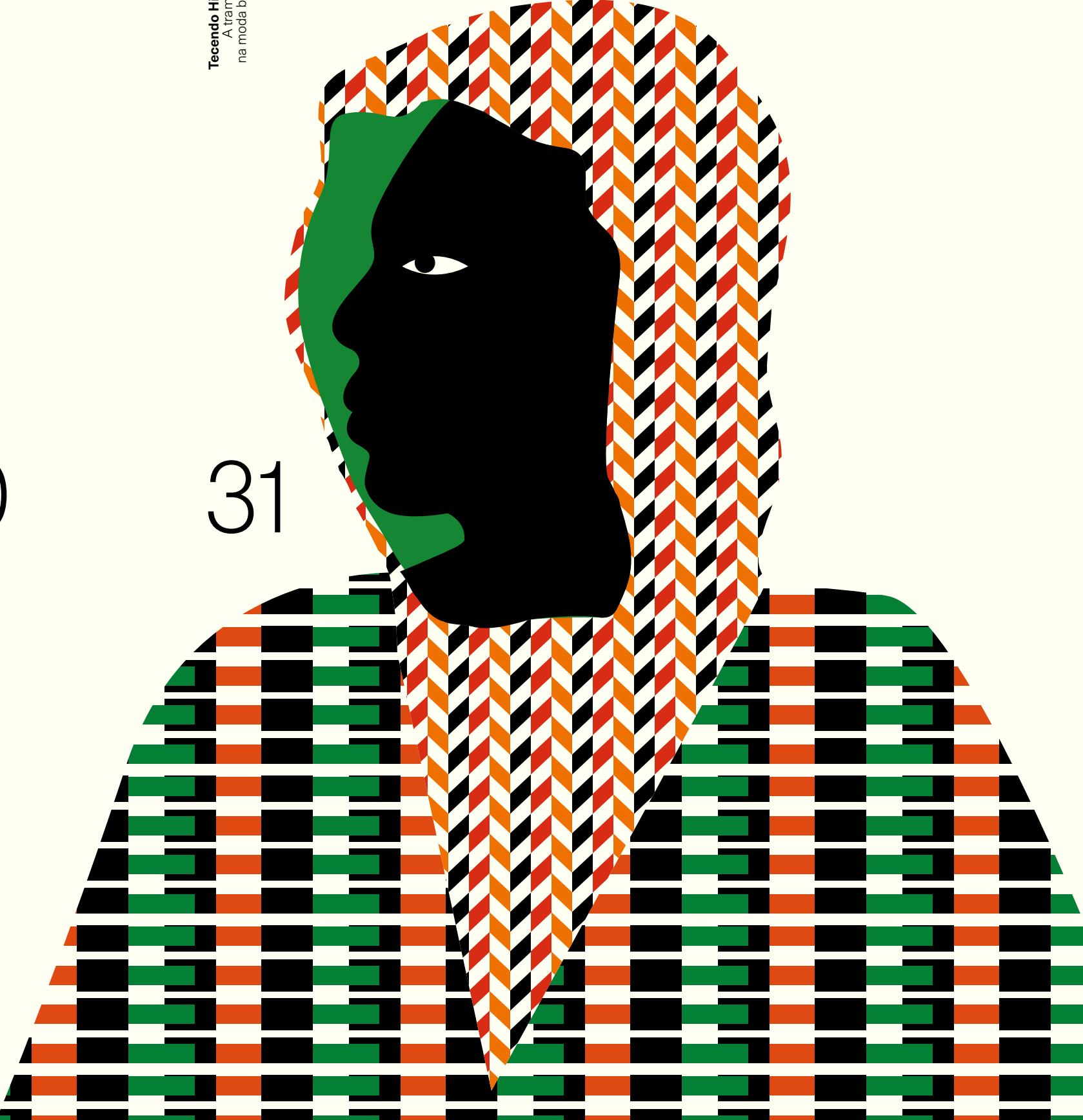
SÍMBOLOS DE PODER

A riqueza
dos adornos
e a força
da ancestralidade

30

31

Tecendo Histórias
A trama negra
na moda brasileira



Os símbolos de poder utilizados na moda afro-brasileira, como balangandãs, joias em búzios e correntões de metais, entre outros, são ricos em significados. Representam resistência, conexão com a ancestralidade, proteção, ostentação do belo e status social. Expressam a originalidade africana. Celebram a luxúria e a nobreza herdadas do bem-vestir e do adornar-se.

Os balangandãs, feitos em metais nobres, eram joias que as negras de ganho deixavam como herança para seus descendentes. Com os valores herdados, cartas de alforria eram compradas. Esse aspecto revela que, para além da beleza estampada nesses objetos, a moda afro cumpria e ainda cumpre a função de libertar os corpos negros das correntes hegemônicas e conduzi-los ao caminho da autoafirmação e da conexão com a própria força de existir.

Os adornos podem ser executados em diversos materiais: fitas, metais, tecidos, contas e búzios, entre outros. Os elementos carregam em si um universo de significados, que os conecta aos cultos e valores trazidos originalmente de África: os metais, símbolos da nobreza e da riqueza; as fitas, um elo com o sagrado; os búzios, comunicação com os orixás, proteção; as contas coloridas, reverência às divindades.

32

33



Na moda afrocentrada, todos esses elementos dialogam entre si, não apenas adornando corpos, mas sobretudo nos conectando com a força de quem veio antes e abriu as portas para que hoje pudéssemos pisar na passarela, escrevendo a história de excelência da moda autoral negra brasileira.



35



Adorno inspirado na etnia Maasai, Quênia, feito com búzios e miçangas. É utilizado em rituais de celebração.

LINHAS
DE RESISTÊNCIA



SÍMBOLOS DE PODER

A riqueza dos adornos
e a força da ancestralidade



Adorno inspirado na
etnia Maasai, Quênia,
feito com búzios e
miçangas. É utilizado em
rituais de celebração.



A MODA QUE CELEBRA CORPOS NEGROS

38

39

Tecendo Histórias
A trama negra
na moda brasileira





As mãos negras de mulheres bordadeiras e rendeiras criam peças originais, cheias de significados e de afeto. Esta arte, passada de mãe para filha, numa conexão ancestral, traduz o legado da tecnologia feminina, que nos nutre, fortalece e nos enraíza nas origens africanas.

O Brasil produz um leque variado de rendados e bordados. O agreste pernambucano e a região do Cariri paraibano são centros produtores da renda renascença. No litoral de Alagoas originalmente se produz a renda filé. A renda de bilro popularizou-se em Santa Catarina. O macramê é usado com abundância na Região Norte. Trajar peças de pessoas negras que praticam a arte de tecer, bordar, tear, render e costurar imprime no povo negro o sentimento de que a moda afro-brasileira cumpre o papel de nos vestir, mas também de nos conectar com a realeza vinda de África. A roupa para nós é mais que um tecido sobre a pele, é um manto que nos protege e fortalece.



43

Tecendo Histórias
A trama negra
na moda brasileira



Na página ao lado: Saia e blusa bordadas em paetês e miçangas para o Baile das Dez Mais do Samba, movimento de resistência formado por mulheres do samba carioca na década de 1970.

Acima: Vestido em renda filé, tecido em fios de algodão, tingidos naturalmente. Confeccionado por mulheres rendeiras do Pontal da Barra, Alagoas.

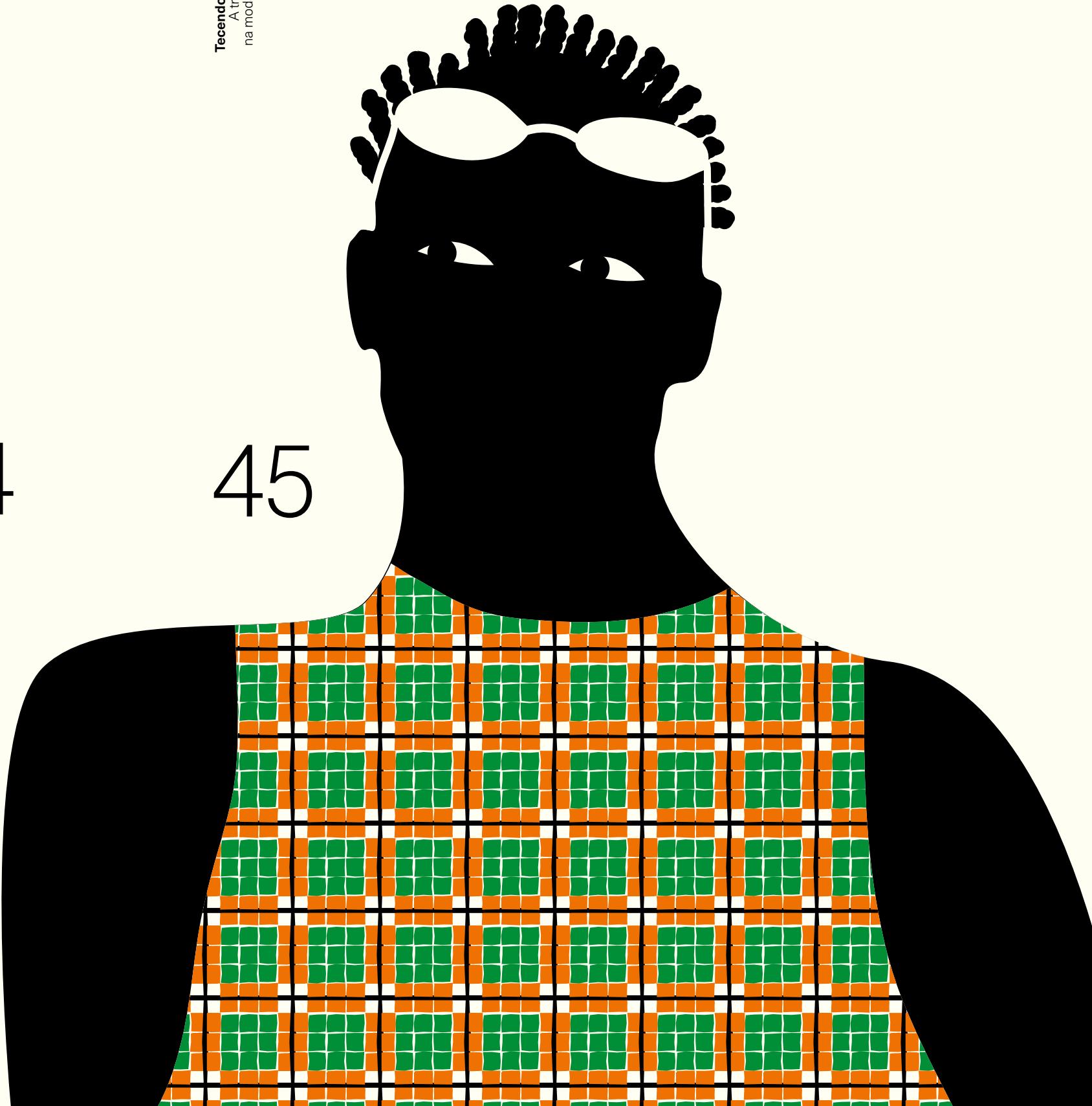
O FUNK COMO ESTILO E PODER

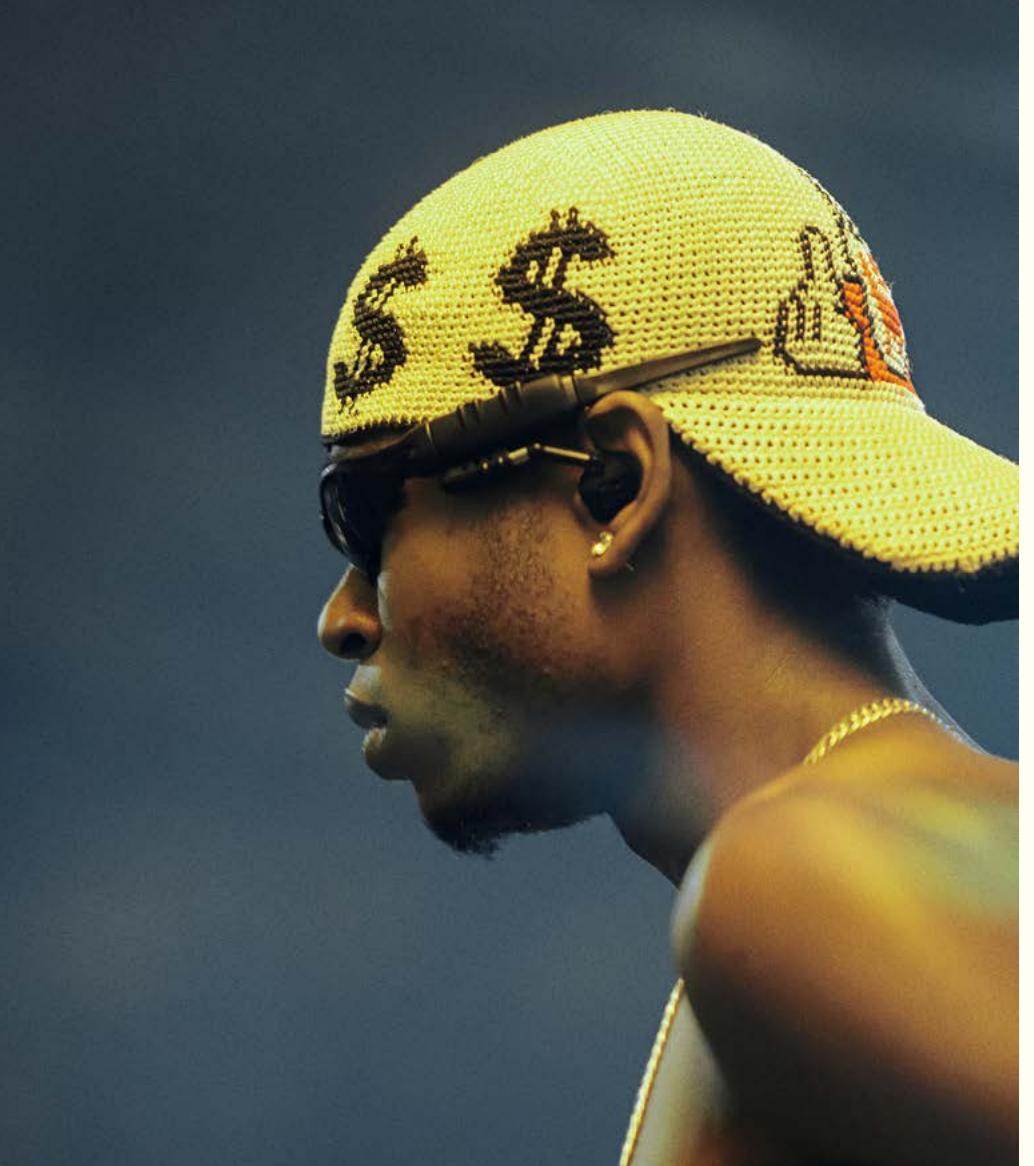
A periferia
redefine
a moda

Tecendo Histórias
A trama negra
na moda brasileira

44

45





46

O funk é uma das maiores manifestações culturais do país. É um movimento que se expande em várias áreas: música, vestimenta, acessórios, estilo de vida. Traduz a expressão latente de jovens que vivem nos morros e nas comunidades. Na moda, o funk é um estilo marcado por inúmeras representações.

A camisa de time e os adornos corporais, ostentados por correntes e joias, dominam os becos

e as vielas. Simbolizam não apenas a aspiração de poder e status, mas também uma afirmação de pertencimento e orgulho.

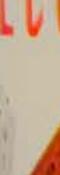
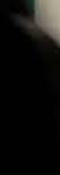
Esse estilo mistura o cotidiano com a estética do luxo, subvertendo o que é considerado “aceitável” pela moda tradicional. Assim, a periferia redefine padrões, criando uma moda própria, que expressa tanto sua vivência quanto seu desejo de visibilidade e valorização.

47



O FUNIR COMO ESTILO E PODER

A periferia
redefine
a moda

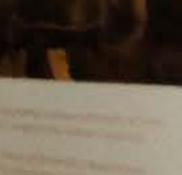
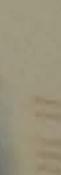
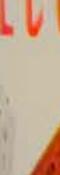


Quem cuida e
molda a elegância
da moda.

ARTE E O



A periferia
redefine
a moda



A periferia
redefine
a moda

DECOLONIALIDADE NA MODA

**Rompendo
as amarras
e protagonizando
novas histórias**

50

51

A decolonialidade na moda tem como eixo central a desconstrução de narrativas, perspectivas e conceitos hegemônicos.

Celebra a diversidade em todas as suas formas. Reafirma que a beleza se encontra não somente em tamanhos, mas também em cores e formas variadas, e determina a necessidade de representar essa diversidade nas passarelas e em campanhas.

No Brasil, a moda decolonial afrocentrada resgata os corpos negros das amarras forjadas pela escravização e os liberta para protagonizarem suas histórias, num cenário político que reafirma e exalta a beleza, o poder e o legado que o povo negro imprime na moda da nossa sociedade.

Cynthia Mariah, precursora no movimento decolonial da moda afrocentrada, referencia: “Crio como uma forma de resistência e transformação, utilizando a moda para desafiar padrões hegemônicos e excluidentes. Busco celebrar a pluralidade de corpos e culturas, especialmente a corporeidade negra, reivindicando nossas estéticas marginalizadas”.



Tecendo Histórias
A trama negra
na moda brasileira



VESTINDO O HOJE E O AMANHÃ

O afrofuturismo
como forma de
protagonismo negro

Tecendo Histórias
A trama negra
na moda brasileira

55



O afrofuturismo é um movimento político e cultural de pessoas negras que valorizam o espaço e o tempo, o passado e o futuro, para reconstruir a história apagada. A conexão de corpos negros com seus ancestrais ajuda a construir e afirmar o protagonismo de suas histórias futuras.

Na moda afrofuturista, elementos usados nas roupas, nos acessórios e nos cabelos contemplam a cultura de África e da diáspora para criar contranarrativas sobre o futuro da humanidade.

O compositor e multiartista Jonathan Ferr, nascido na periferia de Madureira, RJ, é um expoente do afrofuturismo. Seu talento e sua genialidade o lançaram ao cenário internacional, em que propaga seu estilo inovador na paisagem da música instrumental brasileira. Os trajes, acessórios e cabelo de Jonathan celebram a narrativa do afrofuturismo no Brasil.

Acesse o clipe
Céu azul, de
Jonathan Ferr:



Tecendo Histórias
A trama negra
na moda brasileira

56

57



PRETO-À-PORTER.

58

dos basti-
dorosas
passarelas

59

com
máios o
comagem

Atualmente os negros participam dos desfiles de moda não apenas como equipe técnica de preparação dos eventos ou como modelos que exibem roupas alheias. As passarelas passam também a ganhar a arte, a criatividade, as cores e as formas idealizadas e concretizadas pelos nossos estilistas.



60

Tecendo Histórias
A trama negra
na moda brasileira

61





ESTAMPA VIVA

A tradição
em cores
e formas
contemporâneas

64



Em várias regiões do continente africano, o uso de tecidos coloridos e cheios de grafismos evindencia a dinâmica de comunicar por meio da moda: cada estampa carrega símbolos que contam histórias, celebram momentos e transmitem mensagens.

A criação de roupas, adornos e acessórios vibrantes também se destaca no trabalho de designers negros brasileiros. As estampas contemporâneas de Goya Lopes e Tiago Lucas exemplificam essa continuidade, trazendo releituras modernas e urbanas que celebram a reinvenção de uma herança que não só resistiu, mas se ampliou para expressar as múltiplas narrativas do presente.

Goya Lopes (Salvador, BA) é artista visual, pioneira no design de superfície inspirado nas culturas africanas e afro-brasileiras. Em 1986, lançou a marca Didara, inspirada nas raízes africanas e indígenas. Com uma carreira de quase 40 anos, tem suas criações reconhecidas internacionalmente.

Tiago Lucas (Brasília, DF) é o criador do Cabaré Místico, uma marca estruturada em estampas multicoloridas, integrando criações de figurino, cenografia, arte, moda e design.

66



Tecidos de Tiago Lucas (detalhe).

Na próxima página: tecidos de Tiago Lucas (esquerda) e de Goya Lopes (direita).

ESTAMPA VIVA

A tradição em cores e formas contemporâneas

Em várias regiões do continente africano, o uso de tecidos coloridos e cheios de grafismos evidencia a dinâmica de comunicar por meio da moda: cada estampa carrega simbologias que contam histórias, celebram momentos e transmitem mensagens.

A criação de roupas, adormes e acessórios vibrantes também se destaca no trabalho de designers negros brasileiros. As estampas contemporâneas de Goya Lopes e Tiago Lucas exemplificam essa continuidade, trazendo releituras modernas e urbanas que celebram a reinvenção de uma herança que não só resistiu, mas se ampliou para expressar as múltiplas narrativas do presente.

Goya Lopes (Salvador, BA) é artista visual, pioneira no design de superfície inspirado nas culturas africanas e latro-brasileiras. Em 1986, lançou a marca Didá, inspirada nas raízes africanas e indígenas. Com uma carreira de quase 40 anos, tem suas criações reconhecidas internacionalmente.

Tiago Lucas (Brasília, DF) é o criador do Cabele Místico, uma marca estruturada em estampas multicoloridas, integrando criações de figurino, cenografia, arte, moda e design.



Crédito das imagens

p. 13

Wolcott/Marion Post, 1910-1990.

p. 24

Russell Watkins/Department for International Development, 2015.

p. 29

Desconhecido/International Ladies Garment Workers Union Photographs.

p. 33

Camilla Souza. *Singular. Projeto Umbigo do Recôncavo – Tradições Culturais na Bahia*, 2019.
(Detalhe).

p. 34

Camilla Souza. *Singular. Projeto Umbigo do Recôncavo – Tradições Culturais na Bahia*, 2019.

Camilla Souza. *Ancestralidade. Projeto Umbigo do Recôncavo – Tradições Culturais na Bahia*, 2019.

p. 46

Pedro Lacerda/Satélite kiki ball. Fotografia digital Brasília/DF, 2020).

p. 47

Pedro Lacerda/Ensaio Drop. Fotografia digital Brasília/DF, 2020).

p. 52

Daniel Nunes (desfile Cynthia Mariah).

p. 53

Danilo Grimaldi (desfile Cynthia Mariah).

p. 57

Frames do clipe *Céu Azul* de Jonathan Ferr e Orquestra Ouro Preto. Direção e Fotografia: João Sá. A&R Vídeo/Produção Executiva: Thais Souza, Clara Almeida, Isabela Albino, 2024.

p. 60 e 61

Marcelo Soubhia/Agência Fotosite. Desfile Tom Martins, São Paulo Fashion Week.



Câmara dos Deputados

Visitação
18/11/2024 — 31/01/2025
Corredor Tereza de Benguela

Mesa Diretora

Presidente
Arthur Lira (PP-AL)

1º Vice-Presidente
Marcos Pereira (Republicanos-SP)

2º Vice-Presidente
Sóstenes Cavalcante (PL-RJ)

1º Secretário
Luciano Bivar (União-PE)

2ª Secretária
Maria do Rosário (PT-RS)

3º Secretário
Júlio Cesar (PSD-PI)

4º Secretário
Lucio Mosquini (MDB-RO)

Suplentes
Gilberto Nascimento (PSD-SP)
Pompeo de Mattos (PDT-RS)
Beto Pereira (PSDB-MS)
André Ferreira (PL-PE)

Secretaria de Comunicação Social, Centro Cultural Câmara dos Deputados

Secretário de Comunicação Social
Jilmar Tatto (PT/SP)

Secretário de Participação, Interação e Mídias Digitais
Luciano Ducci (PSB/PR)

Diretoria Executiva de Comunicação e Mídias Digitais
Cleber Queiroz Machado

Coordenação de Cerimonial, Eventos e Cultura
Frederico Fonseca de Almeida

Supervisão do Centro Cultural
Isabel Flecha de Lima

Coordenação do Projeto
Clauder Diniz

Revisão
Maria Amélia Elói

Produção
Clauder Diniz
Claudia Brisolla
Gisele Lima

Design Gráfico e Ilustrações
Luísa Malheiros

Estagiário de História e Produção
André Grigório

Manutenção da Exposição
André Ventorim
Maurilio Magno
Paulo Titula
Wendel Fontenele

Material Gráfico
Coordenação de Serviços Gráficos – CGRAF/DÉAPA

Áudio e Vídeo
José Henrique Ferreira da Silva – Coordenação de Engenharia de Telecomunicações e Audiovisual - DETEC/COAUD

Pintura da exposição
José Valdene
Jedison Batista Gama
Francisco Portela de Almeida
Mário Sérgio Rodrigues
Cristiano da Silva dos Santos
José Caldeira Reis
Adenilson Feitosa Rodrigues
Adilson Valverde Dourado

Plotagem
WL Serviços e Comunicação Visual

Curadoria
Geane Gomes
Maíra Brito

Consultoria e mentoria de pesquisa
Cynthia Mariah

Fotografia da exposição
Clauder Diniz
Luísa Malheiros

Pesquisa de imagens
André Grigório
Clauder Diniz
Gisele Lima

Tecidos
Goya Lopes
Tiago Lucas

Agradecimentos
Afrotik Joias Afro
Ariane Egydio

Dulce Queiroz
Goya Lopes
Jô Gomes
Jonathan Ferr
Miguel Cavalcanti
Tânia Arthur
Tiago Lucas
Equipe de pintura (DETEC/COENG)
Raquel André
Tom Martins
Hisan Silva
Pedro Batalha
Pedro Lacerda
Camilla Souza
Geovanna Belizze

Informações:
0800 0 619 619
cultural@camara.leg.br

Palácio do Congresso Nacional
Câmara dos Deputados Anexo 1, Sala 1601
CEP 70160-900 – Brasília/DF
www.camara.leg.br/centrocultural

Acesse nosso edital de seleção:



Tecendo Histórias (2024 : Brasília, DF)

Tecendo Histórias [recurso eletrônico] : a trama negra na moda brasileira. – Brasília : Câmara dos Deputados, Centro Cultural, 2025.

Título aparece no item como: O Centro Cultural Câmara dos Deputados apresenta a exposição Tecendo Histórias.

Catálogo da exposição realizada na Câmara dos Deputados, Corredor Tereza de Benguela, 18 de novembro de 2024 a 6 de fevereiro de 2025.

Versão e-book.

Modo de acesso: bd.camara.leg.br

Disponível, também, em formato impresso.

ISBN 978-85-402-1085-1

1. Moda, exposição, Brasil, catálogo. I. Brasil. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Centro Cultural. II. Título.

CDU 391(81)



A trama negra
na moda brasileira

A trama negra
na moda brasileira

A trama negra
na moda brasileira